



POR PORTAS E TRAVESSAS

Percursos pelo centro histórico

Sines
MUNICÍPIO

AM
ARQUIVO
MUNICIPAL
CAMARÁ MUNICIPAL DE SINES



POR PORTAS
E TRAVESSAS

MODO DE USAR

Este tutorial dirige-se a todos os curiosos acerca da história do concelho.
As atividades podem ser feitas em casa ou na escola.
Se quiser partilhar as suas respostas para o Arquivo Municipal, pode enviá-las
para o e-mail arquivo@mun-sines.pt .



POR PORTAS
E TRAVESSAS

CADERNO 7

OS LUGARES DE NOSSA SENHORA DAS SALAS:
LARGO NOSSA SENHORA DAS SALAS
E RUA DE NOSSA SENHORA DAS SALAS

LARGO DE NOSSA SENHORA DAS SALAS E RUA DE NOSSA SENHORA DAS SALAS



Fig.1. Procissão de Nossa Senhora das Salvas, 2003.
Arquivo Municipal de Sines, Coleção Fotográfica, IDD 64, N.º 268.

LARGO DE NOSSA SENHORA DAS SALAS E RUA DE NOSSA SENHORA DAS SALAS



Fig. 2. Festa de Nossa Senhora Salas, 15 Agosto, procissão
mar, 2001.

Arquivo Municipal de Sines. Coleção Fotográfica, IDD 64, N.º 194.

LARGO DE NOSSA SENHORA DAS SALAS E RUA DE NOSSA SENHORA DAS SALAS



Fig. 3. Largo de Nossa Senhora das Salas, 2023.
Capturada por Sofia Costa. Arquivo Municipal de Sines, Coleção
Fotográfica, IDD 92, N.º 19.

LARGO DE NOSSA SENHORA DAS SALAS E RUA DE NOSSA SENHORA DAS SALAS



Fig. 4. Rua de Nossa Senhora das Salas, 2023.
Capturada por Sofia Costa. Arquivo Municipal de Sines, Coleção
Fotográfica, IDD 92, N.º 28.

Nome da Rua

Largo de Nossa Senhora das Salas e Rua de Nossa Senhora das Salas

Sempre se chamou assim?

Aplica-se ao largo que tem início na Rua do Forte e termina na Rua dos Pescadores. A primeira referência escrita ao largo data de 1871 e não consta que se chamasse de outra forma.

A rua de Nossa Senhora das Salas é assim designada pela primeira vez em 1949, quando se realizaram obras de reconstrução do muro de suporte da Rua da Senhora das Salas¹, o que não significa que o arruamento não seja mais antigo.

Porquê este nome?

O nome advém-lhe da ermida que configurou o sítio e um dos eixos viários da vila. A ermida de Nossa Senhora das Salas foi fundada no século XIV por D. Vataça Lescharis, que a visitação de 1517 toma como Rainha. Segundo este documento, o templo foi edificado pela princesa bizantina no tempo que a «Rainha Dona Betaça de Greçia aqui desembarcou, ella fez a dita irmdida, onde nosso sennhor tem feitos e faz muitos milagres». É possível que a ermida seja até mais antiga, marca de uma devoção secular e cristianizada, dada a existência, no edifício original, de uma nascente no interior (PATRÍCIO e PEREIRA, 2017:73-74). Junto à ermida foram sendo construídas casas para alojar os peregrinos.

A sua localização determinou um dos eixos da vila, segundo Luísa Trindade. De acordo com esta historiadora, a vila estruturou-se ao longo de um eixo linear (TRINDADE, 2016:96) com duas características muito visíveis: em primeiro lugar o eixo viário decalca um caminho paralelo à costa que a nascente conduzia a Santiago do Cacém e a poente à Ribeira e à ermida de

Nossa Senhora das Salas, a atual rua Teófilo Braga e antiga Rua Direita. É possível, parece-nos, que este traçado possa indicar a ligação de Sines a Santiago do Cacém, como seu porto; ou a existência de um caminho de peregrinação até à ermida de Nossa Senhora das Salas.

A ermida de Nossa Senhora das Salas situava-se junto ao embarcadouro, protegido naturalmente por um esteio rochoso, o revelim, num local onde o sagrado e o profano constantemente estavam em disputa.

O padre Alexandre Mimoso, em 1758, descrevia as casas dos peregrinos assim: «Tem cazas de hospedaria com boa vista para o mar, para as pessoas que vem de fora, ainda que hoje não em dia certo, mas em qualquer dia do anno que lhe faz mais conta, sem embargo que hoje he menos a frequencia da gente de fora, do que antigamente hera» (FALCÃO, 1987: 28). As imagens que se conservam no arquivo da Direção Geral do Património Cultural no Forte de Sacavém mostram vários populares e roupa estendida nas janelas, uma imagem demasiado popular para o Estado Novo. Uma das origens dos peregrinos era a vila de Setúbal, cujos peregrinos vinham de barco (FALCÃO e PEREIRA, 1998:97).

No século XIX também Francisco Luís Lopes descreveu a festa de Nossa Senhora das Salas, embora não se refira diretamente ao Largo. Assim, o médico conta que a festa significava a vinda de músicos galegos com o seu tambor e a gaita de foles, numa festa concorrida e popular: «É um arraial, uma vigília, um mercado com o seu cru e competente cachação, e com o seu competente murro seco. Concorrem à festa talvez as suas 3.000 pessoas.» (LOPES, 2016: 117). Assim, o Largo enchia-se de gente, de tendas e de barracas de venda de bens.

Samuel Pidwell, o famoso inglês que deu origem a uma dinastia em Sines, surge pela primeira vez em Sines nos anos 30 do século XIX. O primeiro Pidwell, em associação com Jacinto Falcão Murzelo de Mendonça, de Santiago do Cacém, era sócio de um fabrico em Sines desde 1833 (PATRÍCIO, 2016: 174-175), e procurou aforar ou arrendar propriedade municipal na Ribeira. Em 1839, ambos aforaram terrenos municipais no Caminho de Nossa Senhora das Salas². No mesmo ano de 1839, Samuel Pidwell, sócio de um empreendimento de cortiça, tornou-se subenfitente da courela com licença da câmara³. Em 1850, a sociedade Biester e Falcão, de que Pidwell era sócio e gerente, trocou a sua loja com outra até então aforada pela armação⁴.

Além dos Pidwell e dos seus associados, também outros negociantes se instalaram junto à Ribeira, no sítio de Nossa Senhora das Salas. É interessante o aforamento de um pedaço de terreno junto da ermida a José Maria Vieira, para que este edificasse um armazém para a cortiça. A autorização foi dada desde que a construção não viesse a embaraçar que o fogo da festa de Nossa Senhora das Salas seja colocado no lugar do costume⁵. Os festeiros tinham também um terreno aforado para as festas de Nossa Senhora das Salas, junto ao templo⁶.

De facto, no século XIX, cada vez menos se podia referir ao templo como ermida, pois a urbanização do local trazia estabelecimentos comerciais, industriais, bem como habitações, e criava um novo ponto de urbanização na vila. Em 1851 a Câmara deliberou, para tornar o espaço em urbanização mais harmonioso, que os foreiros de quintais nas estradas que conduziam ao moinho da Cruz e ao sítio de Nossa Senhora das Salas pudessem aumentar a área dos seus terrenos até um marco já existente, sem que o seu foro sofresse qualquer aumento⁷.

É certo que em 1849 o local, segundo Francisco Luís Lopes, ainda era «um grupo de casinhas, ou (como aqui lhe chama), de lojas e armazéns de triste aparência, que servem quase exclusivamente de armazenar sal e utensílios de pesca» (LOPES, 2016: 85).

Mas a transformação, inexorável, trouxe novas feições ao antigo Largo. Na segunda metade do século XIX até ali chegavam frequentemente carros carregados com casca, carvão e cortiça, bem como outros géneros, para serem embarcados. Os condutores dos carros usavam o portão que dava entrada à Igreja de Nossa Senhora das Salas para prenderem as viaturas, o que muito incomodava os devotos de Nossa Senhora por ser indecente e improprio daquelle logar⁸, segundo a queixa do devoto José Francisco dos Santos em 1871. De espaço religioso, afastado da vila, o Largo tornava-se um lugar movimentado que servia os armazéns da Ribeira.

De facto, a Ribeira de Cima, perto da antiga ermida, começou a ser local de armazenamento de cortiça e de conservas, e também local da sua transformação. Aí se encontravam, na segunda década do século XX, quer no Largo quer na Rua de Nossa Senhora das Salas, as fábricas de preparação de peixe de Vladimiro Novak, Eugénio Boulain, Bento António dos Santos e Sociedade das Conservas de Sines; a Sociedade de Pesca da Sardinha; para além das fábricas e armazéns de cortiça dos Pidwell, Francisco Granés, Manuel António Pidwell da Costa e Lopes, Silva e Santos (PATRÍCIO E PEREIRA, 2017: 229- 231).

Mas a sua reserva simbólica e religiosa não se esgotou completamente na primeira metade do século XX. Em junho de 1914, a Câmara de Sines recentemente restaurada criou a Feira de Sines, nos dias 14, 15 e 16⁹. A feira ocorria em simultâneo com as festas de Nossa Senhora das Salas, transformadas num evento cívico, o

qual relacionava uma festa religiosa com o culto cívico de Vasco da Gama. A festa profana e a feira institucionalizaram-se e realizaram-se ainda no Largo das Salas, no século XX. No entanto, o espaço começou a tornar-se cada vez mais pequeno para a feira, e novas localizações começaram a impor-se, desde a Praça da República, o Rossio. Além da procissão, havia os espetáculos com os famosos gaiteiros, o fogo-de-artifício, as corridas de touros, os jogos de futebol, as quermesses, peças de teatro, os desfiles das filarmónicas. Vinham visitantes das localidades próximas e também de Setúbal. A pequena vila transformava-se com as mais variadas gentes. Um dos registos mais tardios da realização da feita no Largo é de 1954¹⁰.

A feira de agosto também se realizou nas Percebeiras, e nos finais do século XX e início do século XXI, na Zona Industrial Ligeira nº 2, quando começou a ser grande demais para o Largo. Foi possivelmente a saída da feira do local, assim como dos fabricos e de armazéns, que começou a reduzir o sítio das Salas ao ermo original. Hoje não é um ermo, mas uma zona habitacional pouco movimentada, com exceção da festa religiosa que ainda se realiza nos dias 14 e 15 de agosto, local de partida e de chegada da procissão. O que poderá devolver alguma centralidade a esta área da cidade?

¹ AMSNS. CMSNS. Correspondência recebida, maço 308, 1949.

² AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 14, fl. 199v-200, 6 de Dezembro de 1839.

³ AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 14, fl. 185-185v, 12 de Outubro de 1839.

⁴ AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 15, fl.104-105, 31 de Agosto de 1850.

⁵ AMSNS. CMSNS. Escrituras diversas, auto de aforamento a José Maria Vieira. 1837.

⁶ AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 15, fl.135v-136, 14 de Agosto de 1851.

⁷ AMSNS. CMSNS. Vereações, liv. 15, fl. 122v-123, 22 de Fevereiro de 1851.

⁸ AMSNS. JFSNS02. Atas da Junta da Paróquia, livro 2, fl.99v-100, 12 de outubro de 1871.

⁹ AMSNS.CMSNS. Ata da sessão da Comissão Instaladora do Concelho de Sines em 1 de julho de 1914. Livro de Atas, fl. 7v-9, 1 de julho de 1914.

¹⁰ AMSNS.CMSNS. Ata da Câmara Municipal de Sines. Livro de Atas, n.º 54, fl. 12v-13, 5 de agosto de 1914.

ATIVIDADES

1. Procure o Largo de Nossa Senhora das Salas e a Rua de Nossa Senhora das Salas no Google Maps.
2. Quando foi edificada a ermida que lhe dá o nome?
3. Procure a data aproximada das fotografias apresentadas e registre-a.
4. Tem alguma fotografia deste Largo? Descreva o que vê e coloque a data.
5. Este local também está relacionado com a indústria. Registe aqui os elementos que, na área envolvente, sejam testemunhas deste passado.



POR PORTAS
E TRAVESSAS

PARA SABER MAIS

FALCÃO, José António - Memória Paroquial do Concelho de Sines em 1758. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1987. Separata do *Repertorium Fontium Studium Artis Historiae Portugaliae Institurandum*, série B, nº1. ISSN 0870-7774.

FALCÃO, José António; PEREIRA Ricardo- "A Ermida de Nossa Senhora das Salas". In *Da Ocidental Praia Lusitana: Vasco da Gama e o Seu Tempo*. Coordenação de Mafalda Soares da Cunha e Ana Maria Viegas. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998. ISBN 972-8325-73-8. Pp.83-101.

LOPES, Francisco Luís (2016). *Breve Notícia de Sines, pátria de Vasco da Gama*. Com estudo introdutório de João Madeira. Sines: Câmara Municipal de Sines. ISBN 978-972-8261-16-0.

PATRÍCIO, Sandra (2016). *Santa Casa da Misericórdia de Sines: 500 anos da história de uma instituição*. Sines: Santa Casa da Misericórdia de Sines.

PATRÍCIO, Sandra; PEREIRA, Paula (2017). *Sines, a Terra e o Mar*. Sines: Câmara Municipal de Sines.

TRINDADE, Luísa (2016). Ordens urbanas ou ordens do rei? Urbanismo das ordens Militares no Portugal dos séculos XII a XIV. In Oliveira, Luís Filipe (coord). *Comendas Urbanas das Ordens Militares*. Lisboa: Colibri. 85-119.